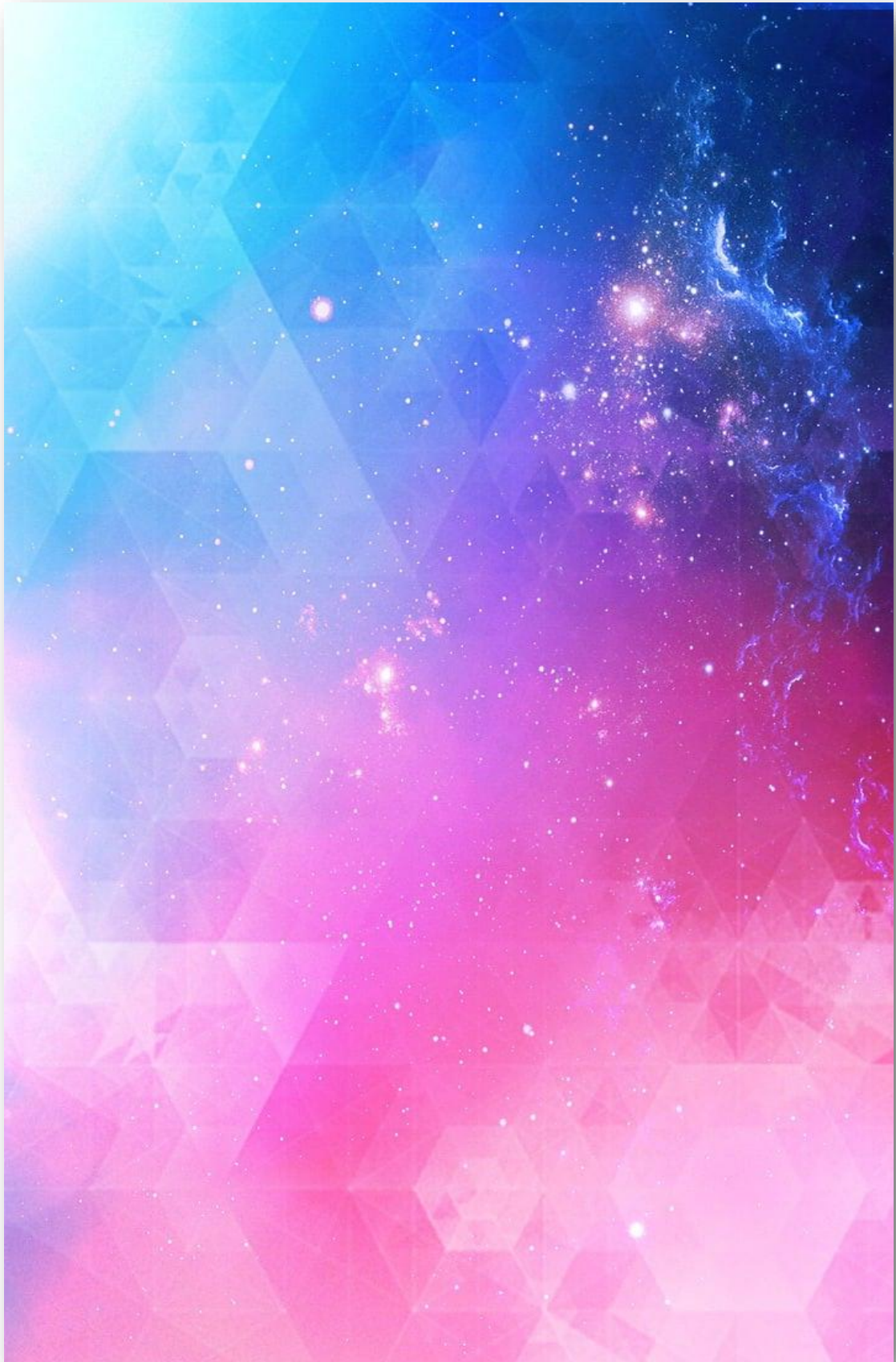


RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

TEMÁTICA PARA O FUTURO

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



TEMÁTICA PARA O FUTURO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I O Advento do Futuro

II Metodologia para Detectar o Fenômeno do Futuro

III A Sociedade Futura

IV Os Novos Tipos Humanos

V A Mensagem do Futuro

VI A Consciência do Homem Futuro

VII A Barreira Cósmica

VIII A Crise da Cultura e a Crise do Homem

IX O Nascimento do Novo Homem

X A Vocação de Renúncia e a Nova Mística

INTRODUÇÃO

As ideias que constituem este trabalho foram expostas em várias oportunidades em forma de conferências. Ao serem apresentadas ao público por escrito, o autor acreditou ser conveniente dividir os principais temas em outros capítulos. E, por sua vez, dentro de cada capítulo, caracterizar com expressões breves e significativas as ideias fundamentais, à medida em que vão surgindo no contexto do discurso. O leitor irá se dando conta de que estas configurações do pensamento têm, muitas vezes, um valor simbólico dentro do fluir de uma corrente de analogias e que, portanto, mais convidam a remontar-se à fonte de onde flui o pensamento que a fixá-las em modelos de uma linguagem estruturada sobre as bases da etimologia comum. Que o leitor não estranhe que palavras tais como “egoência”, “consciência cósmica”, “mística”, “transcendência”, “vocação de renúncia”, “sociedade universal”, etc. sejam formuladas sem maiores explicações de tipo semântico, porque não é a intenção “fixar” tais significados e sim, somente oferecer um ponto de contato através da linguagem, que faça possível uma relação de similitude com a própria essência do que está por trás dessas palavras.

I

O ADVENTO DO FUTURO

O mundo do futuro e o mundo do homem

Hoje se fala muito do *mundo do futuro*, mas a ênfase posta no progresso tecnológico, nas reações de indivíduos e grupos humanos contra o sistema da sociedade estabelecida, e a aparição de movimentos políticos, culturais e sociais de vanguarda, podem fazer perder de vista a dimensão existencial em que se desenvolve o fenômeno do futuro no próprio *homem*.

A “colisão com o futuro”

Alvin Toffler, em seu livro “O Choque do Futuro” (*Future Shock*)¹, nos adverte que “nas três curtas décadas que medeiam entre o momento atual e o começo do século XXI, milhões de pessoas comuns - psicologicamente normais - terão que fazer frente a uma abrupta “colisão com o futuro”. Com esta breve sentença, introduz um consistente trabalho de investigação acerca desta poderosa “corrente de mudança acelerada” - como ele a chama - que, como uma “força elementar”, “transforma instituições, muda nossos valores e comove nossas bases”. A aceleração da mudança - diz - “invade nossas vidas” e tem “consequências psicológicas e sociais” que se traduzem em dificuldades de “adaptação”.

Mudança de direção no eixo do tempo

Com efeito, nestas últimas décadas surgiram novas ideias no campo das ciências particulares, uma nova visão filosófica da realidade, novas ideologias em política, sociologia, economia e religião, e novos avanços tecnológicos que vão desde o controle genético até a conquista do espaço exterior. Estas ideias e descobrimentos mudaram a fisionomia do mundo em poucos anos e abriram um

sério interrogante frente ao próprio destino da humanidade. Trata-se de mudanças tão notáveis, tão radicais e que produzem consequências tão universais, que já não podemos localizá-las dentro do marco do que poderíamos chamar desenvolvimento evolutivo do pensamento - se por isso entendêssemos um progresso quantitativo que vem se dando desde o passado - senão que, antes, devemos vê-las como uma “irrupção” do futuro dentro do marco existencial do presente. Esta mudança de *direção* no eixo do tempo é suficientemente significativa para que o que chamamos “fenômeno de futuro” tenha o caráter de signo de nascimento de uma nova idade.

Mudança exterior e mudança interior

Esse fenômeno de futuro foi vislumbrado com suficiente antecipação pelos “profetas” de nosso tempo: sábios intuitivos que descobriram novas leis do universo, e foi estudado desde diferentes pontos de vista: em termos de profecia (Ubbi, Bailey), de filosofia da história (Jaspers, Toynbee), de crítica sociológica (Marcuse, Schischkoff), de prospectiva (Kahn, Servan-Schreiber), de psicologia social (Reich, Roszak), e até de enfermidade de futuro (Alvin Toffler). Em geral, é interpretado em termos psicológicos, sociais ou tecnológicos, é valorizado em função da rápida mudança imposta pela técnica, em função da rebeldia do indivíduo à sociedade massificante - ou em função da adaptação a essas mudanças são descritas as novas subculturas nascentes, os novos estilos de vida, e as novas formas institucionais e de organização social.

Tudo isto é muito importante, mas a tendência a objetivar o futuro em modelos tecnológicos ou sociais pode ocultar o mais essencial da mudança que está se produzindo no interior do próprio homem e que transcorre em uma dimensão que está além do campo da consciência objetiva.

Futuro histórico social e destino transcendente

A descrição da *face exterior* do fenômeno de futuro, suas consequências histórico/sociais - nem sempre as mais significativas - e as reações de insatisfação do indivíduo à pressão crescente da sociedade organizada, podem dar uma imagem que oculte a face interna desse fenômeno, uma face que constitui a intimidade do homem - seu “meio humano” - desde a qual é percebida a irrupção de um futuro que já não afeta somente o mundo que o rodeia, mas seu próprio *ser*. Já não só seu futuro histórico e social, mas seu futuro espiritual e seu destino como ser humano no devir cósmico.

II

METODOLOGIA PARA DETECTAR O FENÔMENO DE FUTURO

Critério metodológico

A partir da revisão da abundante bibliografia que existe sobre as diversas facetas deste “fenômeno de futuro” impõe-se, no meu modo de ver, estabelecer certas pautas metodológicas que, pelo menos, permitam distinguir com clareza os diferentes níveis em que se manifesta esse fenômeno. Penso que, desde o ponto de vista da metodologia, não se deve confundir mudanças quantitativas com *qualidades* novas; não se deve confundir reações ao que é velho com o essencialmente novo; não se deve confundir o processo histórico do devir com o mistério do *ser*; não se deve confundir a dimensão psicológico/social do homem com sua dimensão *espiritual*, nem seu desenvolvimento humano com seu destino *transcendente*.

“Germes de Futuro no Homem” e a dimensão espiritual do fenômeno de mudança

Dentro da multiplicidade de aspectos em que se desdobra o fenômeno de futuro, nós apontamos - em “Germes de Futuro no Homem”² para o descobrimento de sua face interior e sua dimensão espiritual, que não nega todas as demais expressões do mesmo, senão que, pelo contrário, lhes dá sentido.

A temática desse livro não se reduz à descrição das mudanças que ocorrem na superfície agitada de nosso mundo exterior, senão que oferece um ponto de abertura em direção ao futuro, mesmo naquilo que tem de mais essencial. As ideias que expusemos ali não constituem uma teoria, não foram elaboradas com dados estatísticos computados em centros de investigação nem são o resultado de enquetes sobre o que outros disseram ou fizeram, senão que são reflexo de uma

experiência interior, vivida em comunhão de almas similares. As citações intercaladas em seu texto não são simples referências bibliográficas, senão que simbolizam a trama sutil que une - por similitude - diferentes pensadores em um foco espiritual de convergência no futuro, apesar das diferenças dos pontos de vista particulares.

Charles Reich e a nova consciência da juventude americana

Na compreensão do advento do futuro, devemos destacar - nestes últimos tempos - a contribuição significativa das ideias de Reich. Charles Reich, em seu livro “O Reverdecer da América” (*The Greening of America*)³, sintetiza seu pensamento nestas poucas palavras:

“Está surgindo uma revolução. Não será como as revoluções do passado. Terá sua origem no indivíduo e na cultura, e mudará a estrutura política só como seu ato final. Não exigirá violência para triunfar e não se poderá resistir eficazmente a ela através da violência. Esta é a revolução da nova geração”.

O valor da tese de Reich, em meu modo de ver, está em que tira a problemática do homem, do campo restrito das revoluções políticas e das lutas sociais, para centrá-la em um problema de “Consciência”: “*revolution by consciousness*”. Referindo-se à sociedade norte americana, descreve três estádios no desenvolvimento da consciência: a Consciência I, própria do pioneiro, baseada no “esforço competitivo, e no triunfo do indivíduo virtuoso e forte”. A Consciência II, própria do “estado corporativo”, onde predomina a “organização e a crença de que o indivíduo deve unir seu destino a algo desse tipo, maior que ele, e subordinar sua vontade a ele”. E a Consciência III, característica da nova

geração, que postula o indivíduo como a única verdadeira realidade, e que “começa com uma consciência de si-mesmo (*self*)”.

O próprio Reich aponta para o caráter nascente - nós diríamos “germe de futuro” - desta consciência no homem de hoje, e destaca este fato nos seguintes termos: “A Consciência III pode coexistir com os antigos padrões e valores..., Está em um precoce estágio de desenvolvimento e, provavelmente, os elementos que a constituem serão descritos de forma diferente, dentro de um ou dois anos”.

Marcuse critica, no *The New York Times*⁴, a tese de Reich. E diz a respeito: “A melhor parte é, talvez, sua **descrição** do Estado Corporativo - não sua avaliação. Mas, isto está distorcido pela falsa perspectiva, que transfigura o radicalismo social e político em um rearmamento moral”.

Em realidade, Reich não fala de rearmamento moral. Claro que não se deve confundir este tipo de revolução interior - de “conversão”, como diria Reich - com a revolução político/social que hoje ocorre no mundo. Agora, que seja difícil detectar este fenômeno incipiente de consciência em uma sociedade que reclama com urgência soluções materiais imediatas. E, que não se perceba ainda com clareza sua força de transformação que aponta para o futuro, não justifica que se desconheça a existência germinal do novo emergente de consciência. E muito menos, desvalorizá-lo.

O que é consciência nova?

Indubitavelmente, hoje se fala muito de “consciência nova” e trata-se o tema sem um esclarecimento prévio de seu significado e alcance. Porém, trata-se de uma consciência nova em si - por natureza - ou é uma reação da própria consciência, isto é, de uma consciência que, sem haver mudado a qualidade, reage de forma diferente? Confunde-se a consciência objetiva com a consciência de si mesmo (*self*); confunde-se a consciência psicológica com a consciência de ser;

confunde-se a consciência social com a consciência espiritual. Se não se especificar, metodologicamente, a natureza da consciência - e o nível em que se ela manifesta - o que se postula como “consciência nova” pode não ser mais que a própria consciência velha, que reage... E uma consciência desse tipo não é, indubitavelmente, uma nova qualidade antropológica.

Alvin Toffler e a “aceleração da mudança”

Alvin Toffler, como dizíamos no início, destacou a “aceleração da mudança” como elemento fundamental da transformação da sociedade de nosso tempo. A contribuição de Toffler deve ser valorizada como uma estratégia para a sociologia do futuro - “*strategy of social futurism*” em seus próprios termos. Porque - segundo ele - o impacto da “tempestade do futuro” terá que ser resolvido de alguma maneira, em termos de adaptação ou de enfermidade de futuro.

Mas, caberia a pergunta: “De qual futuro?”. Eu penso que a “rapidez da mudança” - apontada em Toffler e em outros autores, como a nota chave que caracteriza nosso tempo - não é suficiente por si mesma, para detectar a condição de uma qualidade nova. Pelo contrário, pode não ser mais que uma nota secundária, uma modalidade temporal, histórica, de um movimento iniciado no passado - o qual, não por ser mais rápido *agora*, possa ser qualificado, sem mais nem menos, de novo. Ou, em outros termos, a rapidez da mudança - como função quantitativa - não é suficiente por si mesma para mostrar aquilo que vai ter qualidade de futuro. Porque, hoje em dia, o movimento de ascenso em direção ao futuro parece produzir-se com a mesma velocidade que o movimento de descenso em direção à destruição ou de queda em direção a uma “entropia” imprevisível.

Theodore Roszak e a “construção de uma contracultura”

O que diremos dos novos estilos de vida, das novas formas institucionais, das novas formas de organização social e das novas subculturas? O que é que tem futuro, a cultura ou a subcultura?

Theodore Roszak, em um livro também recente - publicado em 1969 nos EUA, “A construção de uma Contracultura” (*The Making of a Counter Culture*)⁵ - analisa o que ele chama de “tecnocracia”: “essa forma social, na qual uma sociedade industrial alcança a cúspide de sua integração organizativa”. E examina as formas que, em termos de “contracultura”, opõe a juventude à mentalidade da cultura tradicional”. Roszak se deu conta de que o impacto de futuro na cultura moderna se manifesta em formas tão mescladas e às vezes tão estranhas para os moldes tradicionais que, para indicar esse contraste, não pôde encontrar melhor expressão que a de “invasão de centauros”, como referência analógica ao que, segundo a mitologia grega, ocorria no templo de Zeus em Olímpia, durante certas festividades, quando os centauros “ébrios e exasperados” tentavam penetrar no recinto do Templo, sendo obrigados a retirar-se pelos cuidadores. E Roszak se pergunta, se a invasão dos “centauros atuais” e suas variadas formas de contracultura - a boemia hippie, o ativismo político estudantil da nova esquerda e o misticismo neorreligioso, que irrompem nos moldes da tradição cultural - poderia ser detida pelos “guardiães” da ortodoxia. Antes, inclina-se a pensar em termos de um choque irreconciliável entre duas formas de cultura e dois estilos de vida. Choque no qual, nem sempre os “guardiães de Apolo” levariam a melhor parte. Ou seja, enfrentamos um deslocamento cultural e aponta para o risco que isso significa: “Uma vez que uma *fissura* desse tipo tenha aberto o sistema social, nada pode ser garantido”.

Mas, o que se quer significar com isto? Estamos em presença de uma nova cultura em gestação - ou trata-se de uma reação contracultural que quer

simplesmente “varrer” com os valores do passado? O próprio Roszak distingue, por trás de suas formas aberrantes, os elementos positivos das neoculturas juvenis: sua influência como “métodos de exploração dos aspectos não intelectuais da consciência”. Seu “desafio à visão científica do mundo, à supremacia do conhecimento cerebral e ao valor das proezas tecnológicas”. E, por último, “a convicção de que análise e debate devam finalmente, ceder a passagem para uma experiência inefável”.

Tudo isto está bem, mas tais traços neoculturais não são suficientes para fundar uma nova cultura.

Nova visão, nova técnica ou nova ideologia?

O importante, desde o ponto de vista metodológico, é que quando se fale de “novos estilos de vida”, de novas formas institucionais, de novas formas de organização social ou de novas formas de cultura, nos perguntemos: “Do que estamos falando, em realidade: de um novo sentimento de comunhão que se expressa em novas formas de convivência, ou do mesmo sentimento velho - que reage às formas institucionais conhecidas e que pretende ser novo, vestindo a roupagem de uma organização inovadora?”. E também é importante que, quando falarmos de uma nova arte ou de uma nova ideia, nos perguntemos: “Trata-se de uma nova *visão* ou estamos ante uma nova técnica ou uma nova ideologia?”

Adaptação, conversão e vocação

Tendo em conta as considerações precedentes, propusemos em “Germes de Futuro no Homem” a tese de que o “fenômeno de futuro” - que hoje advém no ser humano - não é só uma transformação exterior de caráter quantitativo. Não é uma consciência reativa nem é uma forma de organização. Não pode ser reduzido à rapidez da mudança. Não pode ser reduzido a um fenômeno psicológico, sociológico ou histórico. Não pode ser reduzido a um fenômeno de “adaptação”

ou de “conversão”. Senão que é, por natureza, um fenômeno transcendente, de *vocação* (do latim *Vox* = Voz, chamado): é uma Voz de futuro que irrompe no íntimo do ser, como um chamado a expandir sua consciência individual na imensidade da consciência cósmica. A resposta a este chamado se traduz em um *novo* campo de consciência expansiva e participante, que caracterizamos como “Egoência” do ser.

III

A SOCIEDADE FUTURA

Schischkoff e a “massificação dirigida”

A preocupação por desvelar a dinâmica intrínseca do “fenômeno de futuro”, não só tem uma importância teórica, mas também prática. quando se fala de preparar a juventude para o futuro, de educar para o futuro... de qual futuro e de que tipo de educação estamos falando? Para que tipo de sociedade vamos preparar os jovens ou os adultos, para uma sociedade povoada pelos mesmos “monstros” que já existem ou para uma sociedade completamente nova que ainda não conhecemos? Porque a sociedade que podemos vislumbrar agora como futura - em termos de prospectiva - pode muito bem não ser outra coisa que o fruto aumentado do que já existe, ou seja, uma fauna de organismos coletivos gigantescos: os modernos “dinossauros”, sob a forma do “estado corporativo” (Reich), as “megalópolis” (Herman Kahn), as corporações anônimas desumanizantes, as subculturas degradantes e todas as formas institucionais regidas pelo princípio de “massificação dirigida”. Este termo, cunhado por Schischkoff, não só implica um modo de organização, mas um modo de “educação” que, nas próprias palavras de Schischkoff:

“(...) caracteriza-se por impor o mesmo meio massificante a indivíduos separados entre si na anonimidade do número incontável e da falta de contato, já que nem sequer sabem nada uns dos outros. Nestes casos, não é necessário que o meio seja posto em movimento por um líder consciente de sua força expansiva. Basta a força que possuem certas imagens, palavras, notícias ou comunicações especiais, capazes de alegrar ou atemorizar todo um tipo humano”⁶.

Marcuse e as “fissuras do sistema”

Devemos educar nossas crianças para que se adaptem ou para que se defendam desses monstros? Para que se “integrem” ao mecanismo da mente coletiva ou para que o transcendam?

Não esqueçamos que a grandeza de uma época não se mede pelo tamanho e a força de sua fauna. Os monstros antediluvianos jazem para sempre sepultados nas entranhas da Terra! Eram gigantescos de corpo, mas de escasso cérebro, frágeis frente ao avanço das novas formas biológicas. E muitas culturas poderosas desapareceram ao sopro renovado da vida.

Em nosso tempo está se dando um fenômeno análogo: o poder material das grandes corporações desumanizantes se revela fraco em alguns pontos críticos de seu sistema mecânico. Alguns sociólogos contemporâneos - Marcuse entre outros - tiveram a agudeza de apontar tais “fissuras” do sistema... e através dessas fissuras pode se iniciar o desmoronamento do poder coletivo organizado, não para dar passagem às subculturas misturadas do presente, mas para fazer possível o desenvolvimento de um novo tipo de individualidade.

IV

OS NOVOS TIPOS HUMANOS

As tipologias do passado

Toda a estrutura da sociedade atual - e ainda o que se pode vislumbrar para o futuro em termos de prospectiva - se baseia no predomínio de um *tipo* humano em cujo meio interior psicológico dominam certas tendências básicas: segundo Reich, o tipo de homem que o sistema exige do “estado corporativo” para seu correto funcionamento é um trabalhador sempre disposto a trabalhar e um consumidor sempre disposto a consumir (“*willing worker and willing consumer*”). E segundo Hermam Kahn⁷, predomina hoje um tipo humano com uma tendência “empírica”, “pragmática”, “secular”, “utilitária”, “contratual”, “epicurista”, “hedonística” e centrada no gozo dos bens deste mundo.

Mudanças qualitativas no meio interior do homem

Mas, qual seria a perspectiva do futuro sobre a base de uma mudança qualitativa no meio interior do homem?

O meio tecnológico e a massificação dirigida reproduzem um tipo de homem condicionado para “produzir” e “consumir”, e alienado com relação ao *ser*. Não se percebeu que, no processo de “produção”, a própria consciência ficou prisioneira no “produzido”, tornando-se também “objeto”. Esta objetivação da consciência psicológica foi tão longe que se fechou a porta de comunicação com a consciência do ser, e o meio interior do homem ficou isolado das fontes da vida cósmica. Neste meio psíquico “encrustado” começaram a crescer desmedidamente o egoísmo, a separatividade e o sentimento de poder, e foi perdido o sentido do transcendente, o sentido da existência e o sentido do humano. Esse meio se tornou propício à gestação de formas de vida abortivas e aberrantes, e está dando origem a uma teratologia existencial. Esta é a verdadeira crise do

“sistema”: já começam a ser sentidos sintomas de “carência” no meio interior, e a humanidade se asfixia em um meio que se tornou contrário à vida.

E isto já não se arruma com “vitaminas” ou “hormônios” estimulantes, com novos sistemas de organização ou com novas mensagens de salvação: não é questão de mensagem, mas de meio.

V

A MENSAGEM DO FUTURO

A mensagem que virá

Muita gente pretende interpretar o “fenômeno de futuro” em função de uma nova mensagem que virá. Em realidade, essa Mensagem já está vibrando na atmosfera espiritual do planeta. Mas para que pode servir-nos essa mensagem se não tivermos ouvidos para escutar sua Voz nem meio interior para recebê-la e torná-la nossa?

O meio tecnológico e o meio da revelação

Marshall McLuhan, referindo-se ao meio tecnológico criado na era eletrônica, diz que “o meio é a mensagem”⁸, querendo significar com isso que todo novo meio é uma extensão das faculdades perceptivas do homem - que abre novas possibilidades ao conhecimento e à comunicação.

Mas, o meio que pode dar abertura à mensagem do futuro não é simplesmente um meio de informação nem um meio de organização, mas um meio de *revelação*, isto é, um meio em que o homem do futuro possa revelar-se a si mesmo.

O meio humano

A humanidade reclama hoje um meio que seja adequado ao desenvolvimento da vida humana: este é o desafio que proposto à filosofia da educação. O problema prévio a todo projeto de organização social, se resume nesta pergunta chave: Qual é o meio mais adequado para que o homem possa desenvolver-se plenamente como *ser humano*?”. Isto é, antes de perguntar-nos como haveremos de projetar as cidades do futuro. Ou projetar qual o tipo de hospitais, escolas, fábricas e anfiteatros esportivos ou artísticos será necessário

construir. Ou qual o número de engenheiros, médicos ou professores será preciso formar... teremos que formular a pergunta previa: “Seremos capazes de criar o meio adequado para que nossas crianças, nossos jovens e idosos se desenvolvam como seres humanos?”

O princípio da educação do futuro não será “adaptar” o homem ao meio exterior - especializá-lo e educá-lo para “produzir” tal ou qual coisa – e sim criar precisamente um meio *humano* interior, ou seja, educar para *ser*.

VI

A CONSCIÊNCIA DO HOMEM FUTURO

A expansão da consciência

Na raiz da transformação social percebe-se a necessidade de desenvolver uma nova qualidade da consciência humana. Diversos autores que apontaram essa necessidade, mostraram, ao mesmo tempo, os caminhos que, ao que parece, orientam essa ativação da consciência. Herbert Marcuse, ao examinar o processo de transformação da sociedade em “O fim da utopia”⁹, faz uma crítica ao marxismo pela ênfase posta exclusivamente no jogo das forças materiais da produção, e destaca o fato de que na evolução destas forças produtivas se chegou a uma etapa em que “é possível o salto da quantidade à qualidade”.

“O que está em jogo” - diz - “é a ideia de uma nova antropologia, e não só como uma teoria, mas também existencialmente: a origem e o desenvolvimento de necessidades vitais de liberdade....” “Estas novas necessidades vitais farão possível, como força produtiva social, uma transformação técnica total no mundo da vida...” e mais adiante acrescenta: “Considero que o desenvolvimento da consciência, o trabalho aplicado ao desenvolvimento da consciência - se vocês preferirem esse desvio idealista - é hoje uma das tarefas principais do materialismo, do materialismo revolucionário”. Esta necessidade subjetiva de destacar novas qualidades da consciência - que em Marcuse está intimamente vinculada ao processo revolucionário - subjaz como necessidade de “expandir a consciência” em todos os movimentos juvenis, baseados em experiências psicodélicas. Se deixarmos de lado todo o desvio e a patologia que implica o abuso das psicodrogas, e se formos à raiz da experiência - enquanto experiência em si - nos encontraremos com um fenômeno de “expansão de consciência”. Voltando a Roszak, quando examina - no Cap. V de seu livro já citado - o “uso e abuso da experiência psicodélica” nos movimentos juvenis, diz:

“Se aceitarmos a proposição de que a contracultura é, essencialmente, uma exploração da política da consciência, então a experiência psicodélica ocupa seu lugar como um, e somente um, dos métodos possíveis para ascender a essa exploração. Converte-se em um limitado meio químico em direção a uma finalidade psíquica mais ampla, isto é, a reformulação da personalidade, sobre a qual se baseiam ultimamente tanto a ideologia social quanto a cultura”.

Alan W. Watts, por sua vez, ao examinar em seu livro “*Psychotherapy East and West*” (Psicoterapia do Oriente e Ocidente)¹⁰, os pontos de contato entre os métodos psicoterapêuticos ocidentais e a técnicas de algumas filosofias orientais como Budismo, Vedanta, Taoísmo, Yoga, etc., chega à conclusão de que ambos tipos de disciplinas têm como finalidade produzir certas “mudanças de consciência”.

A consciência do homem cósmico

A nova consciência emergente que nós indicamos como “Egoência”, é uma realidade existencial que não pode ser explicada em termos de uma dinâmica sócio histórica, de um fenômeno psíquico ou de uma “experiência liberadora”. Não é uma reação ao sistema social vigente - pelo menos não o é em forma essencial, ainda que possa sê-lo de modo acidental. Tampouco pode ser compreendida como continuidade, em relação ao tipo de consciência coletiva organizada. Nem é uma consciência individual refletida subjetivamente sobre si mesma: egoência do ser é o modo de consciência do homem cósmico que nasce, entendendo por “homem cósmico” um tipo humano, cuja consciência individual funciona em harmonia com a consciência cósmica. Não existe ponte racional para compreender este novo fenômeno: é necessário para isso utilizar um novo método de descobrimento por similitude.

VII

A BARREIRA CÓSMICA

O caminho da egoência

Postulada a “Egoência” em “Germes de Futuro no Homem” como uma relação de harmonia entre a consciência individual e a consciência cósmica, era necessário mostrar o caminho ou o método para unir esses dois polos que habitualmente são intuídos como as duas cabeceiras de uma ponte estendida idealmente entre o céu e a terra, mas sem acertar com o modo de transitar do um ao outro: daí surgiu nosso segundo livro “O Caminho da Egoência”¹¹, no qual o caminho aparece como uma ponte de trânsito entre a angústia existencial e a mística do coração. O que quer dizer isto?

Quer dizer que o homem, limitado a um polo de imanência, vive hoje - talvez com maior intensidade que nunca - sua angústia existencial. E, se bem possa vislumbrar o outro polo de transcendência, faltam-lhe os meios para unir-se com ele. Estamos ante um “vazio” existencial. Entre nossa consciência individual e a consciência cósmica existe um “abismo” tremendo. E entre nosso mundo pessoal e o universo, do qual fazemos parte, existe uma “barreira” que parece intransponível.

A nova síntese e a crise do pensamento sistemático

Para unir estes dois termos, faz falta uma nova síntese.

Havendo a ciência penetrado - através do método experimental - nas maiores profundidades da matéria, da energia e da mente, foi iniciado (no início deste século) um movimento com definida tendência à síntese. A análise, ao fragmentar a realidade em suas partículas mais elementares, havia dado ao homem o conhecimento das partes, mas havia perdido de vista o todo.

Tanto a teoria de conjuntos na matemática, as formulações de Einstein acerca das relações entre a matéria e a energia, as contribuições da medicina psicossomática quanto às relações da mente com o organismo físico, as investigações de Roberto Assagioli e sua escola de biopsicossíntese (que integra seus princípios dentro de um contexto de relações entre o homem e o cosmos) - quanto a visão planetária e cosmogônica de um Teilhard de Chardin ou a síntese teológica de um Paul Tillich (que tenta reconciliar a cultura contemporânea com a fé, culminando nos movimentos modernos de relações interdisciplinares entre ciência, filosofia e religião. E além disso, a presença de conselheiros de síntese nos mais altos institutos de investigação. São todas expressões da necessidade de uma visão sintética da realidade.

Mas, devemos dar-nos conta de que já não é suficiente uma síntese especulativa, sob a forma de sistemas cosmológicos, teológicos ou filosóficos. Nem é suficiente uma síntese científica, tal como a que poderia surgir das relações entre as ciências particulares. Nem sequer uma síntese religiosa, se por tal entendêssemos um sistema de crenças. Todos estes meios, na medida em que sejam construções sistemáticas do pensamento, são insuficientes para criar uma síntese porque a própria estrutura do pensamento é um meio de divisão e não um meio de união.

Um dos homens que expressaram com maior clareza esta ideia nos últimos tempos, é o filósofo alemão Martin Heidegger. O ancião Heidegger, ao cumprir seus oitenta anos, acede por primeira vez a uma entrevista televisionada, com o jovem professor da Universidade de Maguncia, Richard Wisser. Este diálogo, que resume o pensamento de Heidegger, foi divulgado pelo canal oficial da TV alemã, publicado em um pequeno livro¹² e comentado em diversos artigos¹⁴. No curso da entrevista Heidegger, denuncia o fato de que o pensamento humano, desde os gregos, se desenvolveu à margem do ser, se subtraiu (*Entzug*) do ser, para ocupar-

se só do ente. O que significa que tanto a ciência quanto a metafísica e a técnica só podem dar uma visão parcial, referida a seus respectivos objetos particulares, mas não têm acesso ao ser total. “Só o pensar tem acesso ao ser.”

Indubitavelmente, todos partimos do suposto de que possuímos esta função de pensar, mas não é essa a opinião de Heidegger - que intui o pensar como uma “atividade” mais simples que a atividade do intelecto e que requer o “retorno ao conteúdo original da linguagem”. Com respeito a este futuro do pensar se declara um mero precursor de alguém que virá e assumirá essa difícil tarefa e a quem se refere, citando palavras de Heinrich von Kleist: “Me aparto ante alguém que ainda não existe e, já um milênio antes, me inclino ante seu espírito”.

Os meios de relação e o meio de união

Quer dizer que o pensamento, enquanto for um meio de relação indireta entre a consciência individual e a consciência cósmica, aparece como insuficiente para salvar o abismo existencial do homem: o que faz falta não é um meio de relação, mas um meio de união.

Entre o humano e o divino, entre o individual e o cósmico, sempre houve meios de “relação” de tipo diferente. Também com a lua nos “relacionamos” sempre: por meio da imaginação, por meio do culto natural ou por meio dos telescópios, mas todos estes “intermediários” jamais puderam dar-nos a vivência de “pisar” na lua e de pôr-nos em contato direto com ela.

Em direção a uma fisiologia do futuro

O homem dividido carece do órgão adequado para uma visão direta da realidade cósmica. faz falta para isso o meio que faça possível a união dentro do próprio homem, um meio onde possa refletir-se a vida do universo.

Esse meio está sendo criado no interior do homem novo, através de uma mística. Não uma mística como crença ou sistema ideológico, mas uma mística como função integrativa do ser humano que faça possível o desenvolvimento do novo órgão de percepção espiritual de que o homem necessita para explorar os mistérios do universo.

Mas, falar de uma nova função e de um novo órgão é colocar-nos, desde já, no umbral de uma fisiologia do futuro.

VIII

A CRISE DA CULTURA E A CRISE DO HOMEM

A “cristalização dos sistemas ideológicos”

José Ángel Valente, em um artigo publicado no suplemento literário do Jornal “La Nación”¹⁵, ao examinar o desenvolvimento histórico dos sistemas religiosos - tanto do Ocidente quanto do Oriente - destaca o que ele chama “cristalização ideológica”, ou seja, “o mascaramento do que em sua origem pôde ser visão criadora ou revelação do divino”, por trás das formas rígidas dos sistemas de ideias e das estruturas institucionais. Frente a esta tendência à cristalização ideológica de toda ortodoxia, seja religiosa ou não - diz - surge a mística como uma “manifestação criadora da consciência religiosa”.

A “fixação da consciência” e a “cristalização da vida”

Quando falamos de “O Caminho da Egoência”, referindo-nos a uma mística, esse é o sentido que queremos dar, ou seja, o de uma função intrínseca ao ser humano que faz possível que a consciência individual permaneça sempre “aberta” à consciência cósmica e não se “cristalize” em sistemas de ideias e crenças pessoais que, ao final, se tornem contrárias à vida. Porque, no fim das contas, a cristalização dos sistemas ideológicos não teria tanta importância: sempre é possível a retificação das teorias. Mas, a maior desgraça do homem é a “fixação” de sua própria consciência e a “cristalização” de sua própria vida que, como processo biológico, ao fazer-se irreversível, leva consigo o germe da destruição e da morte.

A mística como função integrativa

Voltando ao “fenômeno de futuro” que tomamos como tema central deste trabalho, e querendo resumir de alguma maneira as ideias expostas por diferentes

autores, para harmonizá-las com nosso próprio ponto de vista, diremos que: o torvelinho de futuro se manifesta hoje como uma corrente poderosa que, provocando impacto no indivíduo e na sociedade, é agente ativo de transformação. Muitas das mudanças produzidas por essa força ativadora podem ser interpretados desde um ponto de vista antropológico, psicológico, sociológico, científico ou tecnológico, mas a natureza dessa corrente não pode ser reduzida a esses marcos. Para penetrar na intimidade do fenômeno, em sua própria essência, não são suficientes os meios intelectuais de que nossa cultura convencional dispõe: faz falta uma mística que, como função espiritual integrativa, faça possível que o homem se desenvolva na totalidade de sus possibilidades como ser humano. O estado de consciência desse homem futuro é o que chamamos de “Egoência”.

IX

O NASCIMENTO DO NOVO HOMEM

O advento do novo ser

O advento da “Egoência” surge em termos de ruptura com o conhecido. Isto é, é gestado “fora” dos modos convencionais da existência. Nasce em uma terra virgem, “fora” do sistema. Mas, este “fora” não deve ser interpretado em termos topográficos e sim, em termos de qualidade. Essa terra virgem não é alguma ilha deserta, alguma nova organização ou algum novo estilo exterior de vida, mas é o meio interior, próprio do homem enquanto ser humano. Nós conhecemos o meio interior biológico e psicológico, mas “carecemos” ainda de um meio espiritual. E meio espiritual também não é alguma nova crença, algum novo sistema religioso ou alguma nova mensagem, senão que é o meio que todo homem necessita para ser verdadeiramente homem.

Apesar da desordem que reina no mundo, da angústia e da falta de sentido de que padecem grandes massas humanas, e das sombras que ameaçam nossa existência, todas as condições estão dadas no planeta para que nasça o novo homem, em cada um de nós. Todos os meios estão dados para que advenha o novo ser. Só faz falta pôr o pé no caminho da liberdade interior e percorrê-lo até o fim.

A ruptura com o passado

O nascimento da “Egoência” é vivido hoje como alternativa de ruptura radical com o passado. Mas, isto - que é dito por muita gente e que cada um interpreta à sua maneira - se ficar limitado a uma reação exterior, esgota o impulso em direção à verdadeira ruptura que deve se produzir, ainda “dentro” do sistema que cada um de nós é. De nossas velhas formas de pensar e de sentir - ruptura que é indispensável para “ver” e “experimentar”, por si mesmo, o mundo novo. Ao dizer romper com o passado, não queremos significar desconhecê-lo ou negar seus

valores. Temos que perceber, em primeiro lugar, que o passado não é algo alheio ao homem: é o próprio homem. O homem, em cada instante, é expressão do passado até esse momento. O passado é um fator negativo quando se cristaliza em valores que, ao não se renovarem permanentemente, se convertem em símbolos mortos. Em troca, o passado é o único ponto de apoio que o homem tem, para lançar-se em direção ao futuro - quando sabe interpretá-lo, quando compreende que não é alheio a sua existência e quando o utiliza como base para uma transformação permanente. Desde este ponto de vista, dividir o tempo em passado e futuro é cair em uma ilusão: o tempo é um presente contínuo que faz do passado uma transformação permanente.

Consciência reativa e liberdade interior

Estamos ante uma crise do sistema. Mas, mais do sistema “interior” que do exterior. E a alternativa para o indivíduo com vocação de ser livre é perguntar-se se tem vocação de liberdade interior ou se, simplesmente, é um reacionário: que reage ante algo ou ante alguém.

Temos que mudar o ponto de vista dominante da consciência reativa: deixar de reagir. Isto pode parecer conformismo, mas não o é: pelo contrário, é um valor negativo que é necessário incorporar ao ser para que a consciência possa ganhar uma dimensão universal. A reação derruba uma barreira e levanta outra. Derruba um cárcere estreito e constrói outro mais amplo e confortável. Abate um ídolo e entroniza outro. Desfaz uma escravidão e tece outra... Mas, quando são destruídos os muros de separatividade que levantamos em nosso interior, rompe-se o afã de poderio e se renuncia ao credo de posse. Nesse “oco” dentro do sistema flui a corrente de consciência cósmica que une os homens. Estas barreiras interiores não são derrubadas reagindo, mas renunciando. E nesta renúncia está o fundamento da liberdade interior do homem.

X

A VOCAÇÃO DE RENÚNCIA E A NOVA MÍSTICA

A vocação de renúncia

Diversos movimentos humanos trabalham na construção de um mundo novo, mas a mensagem do futuro encarna na humanidade de hoje através das almas com vocação de renúncia.

Isto não é fácil de entender nem menos de explicar. Só se pode dar testemunho quando o vivemos.

No umbral de uma nova mística

Já não estamos só ante o umbral de um novo pensamento, como diria Heidegger, mas ante o umbral de uma nova mística, de uma mística do coração.

Isto pode fazer crer a muitos que nos remontamos a alturas reservadas para uns poucos - e que nos afastamos desse homem novo que todos queremos ser e dessa sociedade futura que queremos ver realizada no mundo e não fora do mundo. No entanto, devemos dar-nos conta de que quando nasce uma mística, ela nasce para todos e que quando algumas almas grandes ascendem aos mais altos cumes do pensamento e da contemplação, dessas alturas desce uma corrente de renovação de vida para todos.

Corpos ideológicos, corpos institucionais e corpo místico

Mas, essa força espiritual necessita um corpo por meio do qual possa plasmar-se em fatos concretos sobre a Terra. A cada dia, vamos compreendendo melhor que essa corrente de inspiração e plasmação da sociedade futura não pode encarnar em um corpo ideológico, nem em um corpo institucional, nem em um corpo tecnológico, nem em um corpo social massificado: tais corpos são meios

insuficientes para dar cabida a seu tremendo potencial de transformação. Faz falta um corpo místico que lhe ofereça o órgão adequado para transformar o sangue do homem terrestre na energia do homem cósmico. E esse órgão é o próprio coração do homem: por isso falamos de uma mística do coração.

A “revolução religiosa”

Nas últimas décadas surgiu na América, à margem das religiões que se consideravam tradicionais no Ocidente, um grande número de movimentos espirituais de todo tipo - que ganharam rápida influência na sociedade, sobretudo entre a juventude. Jacob Needleman, em seu livro *“The New Religions”*¹⁶ faz um detalhado estudo da chamada “explosão espiritual”, referindo-se especialmente à difusão que tiveram nos Estados Unidos os ensinamentos e práticas trazidos do Oriente: Budismo Zen, Meher Baba, Krishnamurti, Meditação Transcendental, Yoga, Sufismo, Budismo Tibetano, Vedanta, Misticismo Humanista.

Também na América Latina surgiram escolas e grupos heterodoxos com diferentes orientações.

Todo este movimento neorreligioso, ainda insuficientemente estudado, tem gravitação no fenômeno de mudança que está se dando na nova geração norte americana. Mas, quando falamos de uma nova mística, estamos nos referindo a algo diferente, que está além de toda ortodoxia ou heterodoxia religiosa, e que se manifesta em todos os movimentos humanos, como um despertar da alma individual para um novo estado de consciência. Isto não quer dizer que se trate de um fenômeno isolado de caráter individualista: nasce como uma busca individual, mas se resolve em uma reunião de almas.

A sociedade universal do futuro

Às vezes, pareceria que estivéssemos sozinhos nesta busca, mas por uma maravilhosa lei de similitude, os seres humanos nos quais vibra esta Voz da

consciência cósmica começam a reconhecer-se - para além das fronteiras nacionais, raciais, religiosas ou ideológicas - como membros de uma sociedade universal do futuro, e constituem já a nova força de participação humana na construção de um novo mundo.

Não estamos predicando com isto um retorno ao romântico “homem universal”. O que queremos, precisamente, é que se compreenda o que significa ser universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Toffler, Alvin, “*Future Shock*” (New York, Random House, 1970), Pág. 11
2. Muñoz Soler, Ramón P., “*Gérmenes de Futuro en el Hombre*” (Buenos Aires, 2ª ed., Arayú, 1967)
3. Reich, Charles, “*The Greening of America*” (New York, Random House, 1970), Pág. 4
4. Marcuse, Herbert, “*Charles Reich: A negative view*”. En: The New York Times (New York, nov. 6, 1970)
5. Roszak, Theodore, “*The Making of a Counter Culture*” (Garden City, New York, Doubleday and Company, Inc., 1969), Pág. 5
6. Schischkoff, Georgi, “*La massificación dirigida*” (Madrid, Editora Nacional, 1968), Pág. 28
7. Kahn, Herman – Wiener, Anthony J., “*El año 2000*” (Buenos Aires, Emecé. 1969)
8. McLuhan, Marshall, “*Understanding Media*” (New York, The New American Library, Inc., 1965)

9. Marcuse, Herbert, “*El fin de la utopía*” (México, século XXI, 1969), Pág. 6
10. Watts, Alan W., “*Psychotherapy East and West*” (New York, Ballantine Books, 1970)
11. Muñoz Soler, Ramón P., “*El Camino de la Egoencia*” (De la angustia existencial a la mística del coração), Buenos Aires, Arayú, 1969
12. Wisser, Richard, “*Heidegger im Gespräch*” (Freiburg/München, Verlag Karl Alber, 1970)
13. Maliandi, Ricardo, El “*develamento de Heidegger*”, En: a Nação (Buenos Aires, 19/4/1969)
14. Presas, Mario A., “*Un encontro con Heidegger*”, em Revista de Filosofia do Instituto de Filosofia, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (La Plata, Universidade Nacional, 1970), N° 22, pp. 90-95
15. Valente, José Ángel, “*Rudimentos de destrucción*”, En: La Nación (Buenos Aires, 14/3/1971)
16. Needleman, Jacob, “*The New Religions*” (Garden City, New York, Doubleday and Co., Inc., 1970).